



Chrys Chrystello*

Museu do Pico acolhe obras de Chrys Chrystello (Parte 2)

Orlando – Música “Este parte, aquele parte...”

Carla - “galiza não morras sozinha” – página 181

Este narrador é nitidamente contestatário e no mesmo volume 6 mantém esta vontade de mudança gritando: “deem-me outro povo menos manso / gente de sangue na venta / capaz de vencer a tormenta”.

Mas este ser tumultuoso também dá possibilidades às homenagens, a muitas personagens de valor, de muito valor, mais ou menos reconhecidas – António Gedeão, Natália Correia, Maria Nini, Pedro da Silveira, Dias de Melo... e tantos outros que são referência nomeada nas manchetes dos seus poemas. Fico a dizer-vos, com os toques da viola da terra, um que me diz muito como leitora e ex estudante da Universidade dos Açores, aluna de um professor marcante:

Orlando – Música “Eu fui ao pico, piquei-me”

Carla - Poemas a Urbano Bettencourt, pág. 204

É tão nítido e contagiante o entusiasmo deste narrador que mostra ao leitor que ao longo da sua viagem de, no mínimo, 50 anos de memórias, traz consigo eternidades de gentes que lhe foram significativas quer no Planeta Chrys, quer no Planeta Macau, quer no Planeta Timor, quer no Planeta Galiza, quer no Planeta Açores como ele próprio nomeia nos volumes 5 e 6.

Meus senhores e minhas senhoras, tanto haveria ainda para dizer nos recursos de estilo, na forma estonteante das rimas, na pontuação, no entrosamento da natureza com o poema... mas prometi ser breve. Sou uma picarota muito mais Ilha Maior do que era há 1 mês atrás. Esta viagem por “Crónica do Quotidiano Inútil – 50 anos de vida literária” limou-me, engrandeceu-me. Muito grata pelo convite e termino com umas “açorianices” um dos poemas mais deliciosos desta viagem:

Orlando – Música “Ilhas de Bruma”

Carla - Açorianices, pág. 174

Lajes do Pico, 5 de abril de 2023

Carla Maria Pereira Pimentel Silva

Diana Zimbron

Apresentação dos Livros “Liamas e Epifanias Autobiográficas, Crónica Açores V (1949-2005) Uma Circum-navegação” e “Alumbramento: Crónicas do Éden, Crónica Açores VI (2005-2021) Uma Circum-navegação” de Chrys Chrystello 5 de Abril de 2023 – Museu dos Baleeiros, Lajes do Pico

[citação lenda do crocodilo 103 CH AZ V]

Esta lenda timorense é citada por Chrys no volume V da série Crónica Açores e, se me dedicarem alguma paciência, perceberão porque eu escolhi começar com esta partilha.

Da escrita do Chrys eu conhecia algumas crónicas e poesia, mas não tinha imaginado a dimensão do seu legado escrito, quando ele me convidou para estar aqui hoje. Humildemente, aceitei o desafio e ele enviou-me, pelo correio, os dois últimos volumes desta série, que aqui veem. Não tive muito tempo para os ler, que bem podiam ser alvo de estudo durante 6 meses cada, pela sua qualidade e riqueza de conteúdo e de formato literário.

Então, comecei a leitura das primeiras 285 páginas, incluindo o prefácio de Vamberto Freitas e posfácio de Pedro Paulo Câmara. Letras miúdas, margens estreitas, na corrida contra o tempo assustei-me e tentei dar pequenos “saltos”.

Não foi possível! Os olhos fugiam para as últimas palavras do parágrafo ou crónica acima e, irresistivelmente, tinha de ler tudo do início.

Tinham o fascínio das histórias contadas à hora do jantar, pelos pais ou avós, sobre a sua infância e peripécias, que mais imaginamos num livro de aventuras.

Com a escrita de Chrys embarcamos numa viagem, quer por locais diversos, quer através do tempo.

Começamos no Portugal profundo da sua infância, num tom mais melancólico, com ligações e conclusões sobre a nossa herança judia, por exemplo. Depois disparamos numa vertigem, através do que certamente foram os anos áureos de Chrys, pois é assim que ele nos faz sentir, durante a sua perseguição de emoções, na juventude. Passamos por Timor, Macau, Austrália.

O autor não só nos relata períodos da sua vida como demonstra tudo com pesquisa, para que possamos compreender. Temos o enriquecimento do texto com dados históricos (políticos, económicos, religiosos). Temos etnografia, cultura de diversos locais e sempre a crítica social. Vejamos um exemplo [p.134]

Nas suas andanças pelo mundo, Chrys apercebe-se da imensidão da influência de Portugal; dos locais onde a nossa língua e cultura deixaram raízes, para o bem ou para o mal; apercebe-se do impacto da colonização e da descolonização.

Mais tarde, a língua torna-se objeto da sua atenção, “Português, a quinta língua mais falada no mundo” e daí nascem os Colóquios da Lusofonia.

De resto, Chrys sempre se colocou em situações em que pudesse lutar pelo que acredita ser do interesse comum. Foi líder progressista, fez rádio, deu au-

las, escreveu para a imprensa e passou notícias dos locais que visitava. Numa correria que demonstra o seu empenho e ética profissional e o compromisso do jornalismo, verdadeiro e vocacionado, por vezes em detrimento da sua vida relacional.

Das maiores insistências, da sua parte, aponto a afronta. Chrys toma como sua a missão de pôr os outros a pensar. A esse propósito, faço mais uma leitura [p.173].

Chrys continua a percorrer o mundo, encontra os Açores e apaixonou-se. Da nossa ilha, diz: [pag. 247]

Quando resolve fixar-se em S. Miguel, sabemos que Chrys foi crocodilo, saiu do pântano, viu as maravilhas do mundo, connosco aninhados às suas costas, do que viu tirou o melhor e trouxe consigo. E agora é ilha. Guarda, nos seus recantos, o encanto, mas também o desencanto, pois que não se repitam os erros do passado, essas memórias são preciosas e não admitem “limpezas ou censuras”.

No último volume, ou no mais recente, pois provavelmente Chrys já terá outras 200 crónicas na gaveta, o autor assume de forma inegável o papel de provocador. Provoca dúvidas, obriga a pensar. Conquanto esteja enamorado, pelos Açores, ou talvez, por isso mesmo!

São 231 páginas, com prefácio de Osvaldo Cabral e posfácio de Pedro Almeida Maia.

Convém que o leitor entenda o contexto da maioria destas crónicas que [pag. 230]. Portanto, o veículo ideal para provocar uma comunidade, com insistência em temas que nos vão passando ao lado e que vamos desculpando, como a priorização questionável dos investimentos públicos, a (des)educação ambiental, o controlo da informação, a crise educacional, a herança deixada pelos sistemas governativos anteriores à democracia, a forte influência religiosa na sociedade, com deturpação dos valores, em detrimento de fracas interpretações daquilo que seria fundamental transmitir de geração para geração.

Vejamos o que diz sobre a maior manifestação religiosa da região [pag. 39].

Durante a leitura, em várias ocasiões eu disse para comigo: eu poderia ter escrito isto, ou mesmo, eu já escrevi sobre isto, ou ainda, isto é tão natural...

Porém não o é, não para todas as pessoas. Encontramos manifestações da cultura do queixume e das aparências todos os dias, à nossa volta.

O clubismo, o partidismo, o machismo.

Não me entendam mal, o autor reconhece as maravilhas do nosso povo e da nossa terra. A nossa vontade de ajudar, só por ajudar, de dar, só por dar, de receber bem e acolher. Reconhece as provações a que estamos sujeitos quando esta linda terra e este lindo mar se revolvem. Porém [p.27]

Há muitas e duras críticas neste Alumbramento, demonstradamente merecidas, mas também há partilha, de experiências e da troca de ideias com outros escritores e pensadores Açorianos, como Daniel de Sá e Cristóvão de Aguiar.

Há ainda reflexão sobre a atualidade regional, nacional e internacional regada com humor, do qual confesso ser adepto.

Vamos a um exemplo [p. 169] E ainda, a respeito de uma troca de doentes aquando da devolução de uma idosa à sua casa, pelos Bombeiros [p.230]

Assim termino a viagem por estes dois volumes em que o autor narra o seu orgulho em ser Português, numa relação amor-ódio com muito amor, Porém tenho uma última consideração a partilhar sobre estes 50 anos de contributo do Chrys:

Outro escritor açoriano afirmou que as novas gerações, as de 70 e 80, nas quais me incluo e às quais até já chamaram geração rasca, têm mais imaginação do que memória.

Talvez assim seja, mas Chrys Chrystello sabe que as lutas e provações à liberdade são cíclicas. Os ataques dissimulados à liberdade são constantes e a geração d’os novos” segue em frente, empatizando com as lutas do passado, através dos relatos de quem viveu antes do 25 de abril. Estabelece as suas ligações e tira as suas conclusões.

É a esta geração que Chrys dá a mão. Ele é um realista. Ele sabe que o dia chegará em que serão eles a dizer “basta” e quer que reconheçam os sinais.

Chrys chama “os novos” para a luta. Chama-os para si e para os Colóquios. Fá-los falar sobre o seu trabalho, aqui, na vossa frente. Põe-nos a escrever prefácios e posfácios dos seus livros e concede-lhes a honra de falar sobre eles também. Assim lhes diz: não se calem!

Por isso, por isto [apontar os livros] e por tudo o resto: Obrigada.

Diana Zimbron
5 de abril 2023